

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2007 – Vol. II

**ASPECTOS DA NEGAÇÃO DO PORTUGUÊS ARCAICO DOS
SÉCULOS XIII E XIV
(PERÍODO GALEGO-PORTUGUÊS)**

Raquel de Fátima Cruz OLIVEIRA
Thiago do Amaral de CARVALHO E SILVA
(Orientadora): Profa. Dra. Patricia Prata

RESUMO: Periodizando o estudo da língua portuguesa entre os séculos XIII e XIV e partindo de uma cantiga selecionada entre a produção da época, o presente trabalho visa demonstrar alguns aspectos da negação, em especial algumas características da partícula *rem*, salientando seu valor semântico de *nada* quando acompanhada de outra partícula negativa.

Palavras-chave: Lingüística Românica e Histórica, Português Arcaico, negação.

Para podermos chegar à análise e comentários sobre a negação, precisamos antes explicar e detalhar o período lingüístico conhecido como português arcaico e sua subdivisão em duas fases, focando nossa atenção na fase de nosso interesse: a galego-portuguesa, bem como em seu respectivo *corpus* literário. Partimos, então, de um quadro da periodização da língua portuguesa por nós elaborado, através de uma síntese de várias propostas apresentadas por Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006):

Subdivisões do português arcaico (séc. XIII ao séc. XVI):

Fase	Início – Século (ano)	Fim – Século (ano)
Galego-Português	XIII (1214)	XIV (1350)
Português Pré-Clássico	XIV (1351)	XVI (1536)

Esse quadro mostra o português arcaico como o período que vai de 1214, quando do surgimento do primeiro documento escrito nessa língua, o “Testamento de Afonso II”, até 1536, data da publicação da primeira gramática da língua portuguesa, a de Fernão de Oliveira.

Nesse longo período de mais de três séculos, podemos falar de uma fase conhecida como galego-português que se caracteriza por um processo de diferenciação entre as duas línguas (a galega e a portuguesa), sendo que existem contradições com relação aos limites de tal período, entre diversos autores.

Segundo a tabela por nós elaborada, tal período se inicia em 1214 e se estende até 1350, quando temos o fim da fase lírica galego-portuguesa. Nesse

quase século e meio, vários fatores foram contribuindo para o processo de diferenciação entre as duas línguas, entre eles: o movimento de reconquista dos territórios em domínio dos árabes que termina em 1249 e que faz com que o galego-português entre em contato com outras variantes de dialetos românicos, conhecidos como moçarabes; a centralização política no eixo Coimbra-Lisboa, vindo esta última a se tornar capital em 1255; a legalização do português como língua oficial, em 1290 por D. Dinis, e, por fim, o término da fase lírica com a morte do Conde de Barcelos, que foi o último grande incentivador da lírica galego-portuguesa.

Após este período, teremos uma nova fase lingüístico-literária mais pautada na prosa e que tem como função primeira a legitimação e a concentração de toda uma nobreza em torno da recente dinastia ascendida: a casa de Avis (a partir de 1385). O novo gênero literário que surge nesse momento é a prosa doutrinária e, logo após, teremos também as grandes crônicas dos reis, escritas por Fernão Lopes. Tais documentos em prosa já marcam a outra fase do português arcaico, a pré-clássica, que foge de nossas análises por apresentar muitas mudanças lingüísticas em relação ao período precedente.

O *corpus* literário e a seleção realizada

O *corpus* literário do português arcaico é bastante vasto, contanto com 1679 textos líricos catalogados em três cancioneiros e divididos nos seguintes gêneros: cantigas de amigo, de amor e de escárnio ou maldizer. Também há muitos documentos em prosa não literária, como leis, testamentos e afins. E, por fim, temos também a prosa literária: hagiografias, a “Demanda do Santo Graal”, Livro de Linhagens etc.

Em nosso trabalho inicial, tivemos o cuidado de escolher dentre esse *corpus*, cantigas de vários gêneros e também excertos de prosa, ampliando ao máximo a diversidade literária para enriquecimento de nossa análise. Porém, exporemos aqui, devido ao limite de páginas exigido, apenas uma cantiga de amor: ‘Nulh’ome non pode saber’, tirada da edição crítica do “Cancioneiro da Ajuda”, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1990), que apresenta uma grande quantidade de partículas negativas, suficientes para nos permitir uma boa discussão sobre vários aspectos desse assunto.

A variação ortográfica no galego-português

O português arcaico, proveniente do latim vulgar e de caráter mais oral que escrito, não era normatizado. Por esse razão, os copistas, quando escreviam, procuravam reproduzir a língua falada tal qual a ouviam, o que ocasionava uma

enorme variedade de grafias.

A utilização do til para marcar vogais nasais, mesmo que acompanhadas de *m* ou *n*; a presença de consoantes duplas (ora por influxo do latim, ora pelo do castelhano) e outras ocorrências mais vêm atestar a diversidade gráfica que o galego-português detinha no período que delimitamos.

Não podia ser diferente quanto às suas partículas negativas. Podemos encontrar, em um único texto, uma mesma negação grafada de modos diferentes. No entanto, antes de comentarmos a origem, a variação e a utilização dessas, cabe-nos uma breve explicação sobre a negação nas línguas naturais.

A negação e o “ciclo negativo”

Segundo Cunha (2001), a ocorrência da negação nas línguas se dá nas seguintes formas:

- **Negação canônica:** presença de apenas um elemento de negação na sentença, anteposto ao verbo. Para Jespersen (1962, *apud* Cunha, 2001: 5) “a tendência geral de se colocar a negativa na primeira posição antes do verbo se justifica por motivos de clareza.” Exemplo: negação do latim clássico.
- **Negação dupla:** presença de uma negação preverbal e de outra posposta ao verbo, enfatizando o caráter negativo da primeira, muito comum na língua oral e amplamente usada na fase galego-portuguesa. Exemplo: “ca non ous'eu per ren dizer”
- **Negação múltipla:** presença de mais de duas negações em uma sentença. Exemplo: “ca me fez ela mui gran coit' aver, / de que jamaiz non será sabedor / nunca per min (...)”

Uma hipótese para o surgimento da dupla negação vem de Jespersen e seu “ciclo negativo” que pode ser resumido da seguinte maneira: o advérbio de negação original, com o passar do tempo, debilita-se e faz-se necessário seu revigoramento. Tal revigoramento geralmente se dá através de uma partícula, originalmente com valor positivo, que, com o tempo, vai se carregando do valor negativo do enunciado, podendo vir, em determinado momento, a tornar-se independente e ocupar o lugar do advérbio de negação original, possivelmente reiniciando o ciclo (*apud* Kröll, 1952: p.1).

O exemplo mais claro deste “ciclo negativo” é a estrutura da negação *ne*+ verbo + *pas*, do francês. Originalmente, somente o *ne* (proveniente do *non* do latim) servia como negação e vinha anteposto ao verbo. A partícula *pas*, do latim *passus*, juntou-se ao seguinte enunciado *Il ne marche pás* (literalmente, *ele não anda passos*). Com o tempo, *pas* (com carga positiva) foi se juntando a

outros verbos de movimento e progressivamente adquirindo uma carga de negação, até que, no século XVI, já era usado obrigatoriamente em conjunto ao *ne* e posposto a qualquer verbo, não mais somente àqueles que indicavam movimento. Exemplo: *Il n'aime pas (ele não ama)*. Por fim, atualmente o *ne* (que é uma partícula átona), tende a ser suprimido na língua oral francesa.

Esquemáticamente, temos:

➤ *Il ne marche => Il ne marche pas => Il n'aime pas => Il marche pas*

Cantiga e comentário acerca de suas partículas negativas:

- Nulh'ome non pode saber
mia fazenda per neun sen,
ca non ous' eu per ren dizer
a que m'en grave coita ten.
5...E non me sei conselho dar,
ca a mia coita non á par
que me faz seu amor soffrer.

Con tal senhor fui emprender
a que non ouso dizer ren
10 de quanto mal me faz aver,
que me sempre por ela ven.
E mal per foi de min pensar
Amor, que me seu fez tornar,
ca por ela cuid' a morrer.

15 E nunca meus olhos veran
con que folgu' o meu coraçom.
Mentr' estiveren, com' estan,
alongados d'ela, e non
foren u a vejan, ben sei
20 que nunca lhes ren mostrarei
que lhes possa prazer, de pran.

E ben sei ca non dormiran,
mentr' assi for'; nen é razon,
nen eu non perderei affan,
25 ¡mal-pecado! nulha sazom.
Mais se eu non morrer', irei
ced' u lhe mia coita direi!
E por ela me mataran.

Glossário:

Nulh'ome: ninguém
Fazenda: negócio
Sen: senso; juízo
Coita: sofrimento de amor
Par: semelhante
Senhor: senhora
Emprender: tentar algo arriscado
Aver: ter
Cuidar: pensar
Folguar: respirar aliviado
Alongados: distantes
u: onde
de pran: evidentemente
affan: ânsia
Sazom: tempo; ocasião

Breves comentários acerca das partículas:

- **Non**: partícula primordial e de maior uso no português arcaico, muitas vezes usada em conjunto com outras negativas. Vinda do Latim *non* e hoje traduzida como *não*, na sentença galego-portuguesa posiciona-se antes do verbo e, quando da existência de um pronome proclítico átono, vem antes deste, como em: “E non me sei conselho dar”.
- **Nen**: também grafada como *nem* ou *nẽ*, sendo a forma nasalizada do latim *ne* (*nec*), significa *e não*, *também não* e vem sempre precedida por *non*: “E ben sei ca non dormiran, / mentr' assi for'; nen é razon, / nen eu non perderei affan (...)”.
- **Nunca**: do latim *nec + unquam*. Também encontrada como *nũca*, *nũnca*, *nunqua* etc, podendo vir ou não acompanhada de outra negação na sentença: “E nunca meus olhos veran / con que folgu' o meu coraçom.”.
- **Neun**: do latim *nec + unus*. Geralmente acompanhada de outra

negação, é a partícula que maior variação apresenta na grafia, podendo vir grafada: *ningum(a)*, *nẽhum(a)*, *nũũm(a)*, *nẽ hũu/nẽ hũa* e muitos outros.: “Nulh'ome non pode saber/ minha fazenda per neun sem,”.

- **Nulha:** do latim *nullus, a, um* — *nenhum(a)* . Exemplo: “e non mẽor, per nulha maneira”.
- **Rem:** do latim *res*, traduzida como *coisa, fato*. Uma das poucas palavras que conservou o *-m* (do caso acusativo) para a posteridade. Grafada também como *rrem, rẽ* etc, deixou de ser usado em português antes do tempo do cronista Fernão Lopes (século XV). Com sentido de *coisa nenhuma, nada* quando posposta a uma partícula negativa (*non...rem; nunca...rem; nulha rem* etc). Como nos exemplos: “ca non ous’ eu per ren dizer / a que m’en grave coita tem.” e “Con tal senhor fui emprender / a que non ousou dizer ren”.

O valor negativo do *rem*

Relembrando a teoria do “ciclo negativo”, anteriormente citada, temos no *nada*, quando da passagem do latim para as línguas românicas, um bom exemplo. Tal palavra provém da expressão latina *nulla res nata*, significando literalmente *coisa nenhuma nascida*. Pelo processo do “ciclo negativo”, a locução *rem natam* foi, ao longo do período do latim vulgar, sendo usada acompanhada de outras negativas, até que a partícula *nata* sozinha ganhou carga e força negativas suficientes para gerar o *nada*, como o conhecemos hoje.

Logo, faz-nos pensar qual seria a razão porque o *nada* veio a substituir a partícula *rem*, a qual não permaneceu no português, seja na locução *rem natam*, seja na locução *nulha rem* (esta última presente no galego-português, significando: *coisa nenhuma, nada*), sendo que o uso do *rem* posposto a uma negação era muito abundante nessa fase do português e aparece em inúmeras construções negativas com o *non*, o *nunca* e ainda com estas duas últimas mais a preposição *per* (*non...per ren*).

Interessante notar o fato do *ren* (*rem*) ter sobrevivido no galego com autonomia total como valor de *nada*. Relacionando tal fato ao “ciclo-negativo”, verificamos que ele passou pelo processo completo do ciclo. Portanto, seria interessante também um estudo sobre qual estágio do ciclo a partícula teria atingido no português e por que não “vingou” em tal língua, sendo substituída pela palavra *nada* (neste trabalho apenas apresentamos o problema e um possível caminho para uma pesquisa futura).

Ampliando este quadro do português e do galego para outras línguas ibéricas, constatamos o uso dessa mesma partícula em catalão moderno. Nessa língua aparece *res*, conservando a forma do nominativo da palavra latina. No entanto, no espanhol tal partícula era pouco usada já na sua fase arcaica,

segundo nos atesta José Luiz Carneiro Casagrande (1973), e desapareceu, como no português, em sua fase moderna.

Sumarizando, portanto, os dados do países Ibéricos com relação à permanência do *rem* nas línguas modernas, temos:

Português	Espanhol	Galego	Catalão
Não	Não	Sim	Sim

Percebe-se que as línguas oficiais dos dois países que ocupam hoje a península ibérica não mantiveram o *rem* e que as duas línguas regionais mencionadas, o galego e o catalão, mantiveram tal partícula. Convém notar que estas últimas tiveram sua unidade lingüística ameaçada, uma vez que são faladas dentro do território da Espanha. Isso faz nos pensar que talvez tal partícula tenha se mantido como um arcaísmo, maneira de evitar que ambas as línguas perdessem autonomia e desaparecessem frente ao espanhol. Isso faz sentido uma vez que o português era falado numa região politicamente autônoma não tendo, portanto, que se preocupar, tal como as outras duas línguas citadas, em manter arcaísmos e evitar que fosse assimilado pelo espanhol.

Vale ressaltar também que no Francês o *rem* se manteve com a forma *rien*, também com valor de *nada*. Essa vem se juntar ao galego e catalão como mais uma língua em que o *rem* ganhou autonomia com valor negativo.

Conclusão:

Tiramos como conclusão primeira deste trabalho o fato da impossibilidade de se dicotomizar língua e literatura no estudo de um período histórico tão distante do presente, como o é o galego-português.

E, com relação à questão da negativa em si, partindo dos comentários aqui traçados e da observação de outras cantigas e textos feita em um outro momento, como dito no item sobre o *corpus* literário, as conclusões tiradas foram:

- Força da partícula *non*.
- Usos das diversas negações: *nẽ*, *nunca*, *neun*, *nulha*, *rem*, em suas mais diversas variações gráficas;
- Fenômeno da dupla e múltipla negação;
- Dados sobre o *rem* com valor negativo e sua (não) permanência em línguas modernas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1-) Fontes lingüísticas e históricas:

- CASAGRANDE, J. L. C. (1973). *Introdução ao estudo na negação em português arcaico*. Tese de doutorado. FFCL/UNESP, São José do Rio Preto.
- CUNHA, M. A. F. (2001). *O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação*. Delta, São Paulo, v.17, n.1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100001&Ing=en&nrm=iso> Acesso em: 25 abril 2007.
- KROLL, H. (1952). *Sobre nada e algumas expressões equivalentes em Português*, in *Boletim de Filologia*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, tomo XIII. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/lingua/boletimfilologia/13/pag1_19.pdf> Acesso em: 24 abril 2007.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989). *Estruturas Trecentistas: elementos para uma grafia do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2006). *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. Editora Contexto, SP.
- SEQUEIRA, F. J. M. (1943). *Aspectos do Português Arcaico*. Tip. União Gráfica, Lisboa.
- TEYSSIER, P. (2004). *História da língua portuguesa*. Martins Fontes, SP.
- WILLIAMS, E. B. (1975). *Do latim ao português*. 7ª edição. Tempo Brasileiro, RJ.

2-) Fontes Literárias:

- NUNES, J. J. (1959). *Crestomatia Arcaica*. 5ª edição. Livraria Clássica, Lisboa.
- VASCONCELOS, C. M. (1990). *Cancioneiro da Ajuda*. V. I. Lisboa: IN-CM.

3-) Dicionários e Gramáticas:

- ESTROVÉS, I. A. (1995). *Dicionário da língua Galega*. Sotelo Blanco, Santiago de Compostela.
- LANCIANI, G.; TAVANI, G.(2000). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Caminho, Lisboa.
- MAGEN, A.. (1953). *Dicionário Etimológico da Língua Latina*. V. III. INL, RJ.
- SARAIVA, F. R. S. (2006). *Novíssimo Dicionário Latino – Português*. Livraria Garnier., RJ.